

PRESENÇA DE ELEMENTOS FORMADORES DE CAPITAL SOCIAL NAS RELAÇÕES DE TRABALHO NO POLO NAVAL DE RIO GRANDE/RS

HENRIQUE JESKE¹; PEDRO ALCIDES ROBERTT NIZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – jeske.experience@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – Orientador – probertt21@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte oriunda e contribuinte de uma gama de outros estudos que desde 2015 são realizados pelo NEPN (Núcleo de Estudos sobre o Polo Naval) acerca dos eventos ocorridos na cidade de Rio Grande/RS, bem como na trajetória pessoal e profissional de trabalhadores/as e ex-trabalhadores/as, com a implementação, funcionamento e crise da indústria de construção naval na cidade. Neste recorte específico, se objetiva salientar através de uma análise inicial a presença de elementos formadores de capital social nas redes de comunicação, informação, auxílio e acesso às oportunidades de trabalho no período de funcionamento do empreendimento e na busca por reinserção no mercado após a extinção das atividades do polo.

James S. Coleman (1988, p. 98) definiu o conceito de capital social como algo definido por sua função. Algo que não é uma entidade individual, mas uma variedade de diferentes entidades que possuem dois elementos em comum, onde todas consistem em algum aspecto das estruturas sociais e facilitam certas ações dos atores dentro destas estruturas, sejam eles pessoas ou atores corporativos. É a habilidade de pessoas trabalharem juntas em grupos e organizações para atingir objetivos comuns.

Tomando este conceito como noção norteadora, o presente trabalho analisa os relatos cedidos por quarenta entrevistados/as que atuaram profissionalmente em algum período do funcionamento do Polo Naval em Rio Grande/RS. O estudo se concentra especificamente naqueles entrevistados que representam basicamente duas categorias: aqueles originários de Rio Grande ou das proximidades, que se qualificaram para a atuação a partir do surgimento das ofertas de trabalho e buscam reinserir-se na indústria naval; e profissionais trazidos de outras regiões do país, fenômeno este causado pela carência de mão de obra qualificada na região no período da implementação do Polo Naval. Dentre estes últimos, existem ainda aqueles conhecidos neste setor como trabalhadores do trecho; profissionais que acompanham o andamento das obras que ocorrem em diferentes localidades – seguindo-as, a fim de conquistar postos de trabalho – e que valem-se em grande medida de grupos criados para troca de informações sobre postos de trabalho via aplicativos de mensagens instantâneas ou redes sociais, manutenção das relações construídas em experiências de trabalho anteriores, bem como outros meios de ampliação de suas redes de contatos para obtenção de informações.

Levando em consideração o caráter global que hoje possuem as relações sociais, o estudo considera a vastidão do alcance de grupos de troca de informação e como sugere Zygmunt Bauman, o modo como os sujeitos transformam certas questões em questões coletivas graças a instantaneidade do tempo (BAUMAN, 1925). Tais grupos são compreendidos aqui como ferramentas que possibilitam a interação dos indivíduos sem que necessariamente se

constituam redes densas de integração. Sendo assim, se acirra ainda nesse caso a notoriedade da teoria dos buracos estruturais (BURT, 2000), onde a troca de informações sobre postos de trabalho apresenta-se como estrutura social aberta, na qual as vantagens obtidas derivam da habilidade dos indivíduos inseridos de atuarem como pontes de capital social.

2. METODOLOGIA

Foram analisadas quarenta entrevistas semi estruturadas realizadas com homens e mulheres que tiveram atuação profissional no mais distintos setores do Polo Naval, entre o período de outubro de 2017 e novembro de 2018 nas cidades de Pelotas, Rio Grande e São José do Norte. Em um montante de vinte entrevistas já transcritas, foi aplicado o recurso do software Nvivo que permite a realização de uma contagem de frequência de palavras, possibilitando o direcionamento da análise para os relatos que contam com informações a respeito de redes de contatos e comunicação.

Embasando a análise, foi realizada uma revisão bibliográfica a respeito das contribuições científicas sobre o tema do capital social. Subsequente à leitura, estão sendo analisados os relatos selecionados onde percebe-se elementos que podem ser descritos como formadores de capital social, com base no aporte teórico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No atual momento, a pesquisa iniciada aqui encontra-se em estágio inicial no tocante a análise e classificação dos dados obtidos. Cabe por ora a exposição da diretriz teórica adotada para este contexto.

Como já foi constatado em análises anteriores, o Polo Naval enquanto ambiente de trabalho e colaboração, é compreendido pelos trabalhadores entrevistados como inóspito e pouco solidário (ROBERTT, 2016). Neste sentido, chama a atenção que este mesmo cenário possibilite que se crie uma rede de trocas de informação entre sujeitos que desejam a reinserção, bem como com os que estão inseridos no mercado – sendo este o campo de disputa, segundo a lógica hegemônica.

A nossa ideia quando a plataforma foi embora era ele ir junto com a plataforma, ficarembarcado por 8 meses na Bacia de Campos no Rio de Janeiro e a princípio eu e a minhafilha iamso ficar, porque como ele ia ficar embarcado 15 dias não teria porque eu morar numa cidade em que eu não conheço ninguém. Acabou que ele não foi, mas estão sempre falando que vai ter obra no Rio, vai ter em Minas, vai ter obra na Bahia, e a nossa ideia é seguir. **Entrevistada A**

Se as disposições neste fenômeno forem entendidas como altruístas (PORTES, 2000), ou seja, se for observado que estas disposições seguem um conjunto de valores introjetados nos sujeitos que os orienta a agir em prol de outrem sem motivações externas ou garantia de reciprocidade em suas ações, observar-se-a neste caso específico a existência de um caráter de solidariedade confinada, compreendida como não sendo o resultado da introjecção de normas durante a infância, mas um produto emergente de um destino comum [Marx,

(1894) 1988; Marx & Engels, (1848) 1998], nesse caso, a condição de trabalhador da construção naval. Assim, Alejandro Portes (2000) conclui que as disposições altruístas dos atores nestas situações não são universais, e sim confinadas aos limites da sua comunidade. Desta forma outros membros da mesma comunidade podem apropriar-se dessas disposições e das ações delas derivadas como a sua fonte de capital social.

Destacam-se também organizações de caráter local sendo reativadas, fenômeno que “pode ser atribuído ao desencanto das pessoas com os programas sociais do governo, principalmente em relação à pobreza, ao desemprego e à decadência comunitária.” (BAQUERO, 2003, p.87)

As organizações locais surgem aqui como decorrentes do descrédito dos trabalhadores na política. São frequentes os relatos que versam sobre os por quês do término do empreendimento como sendo algo diretamente ligado ao cenário político.

“(…)inclusive a gente tem um coletivo de mulheres desempregadas do polo naval, nosso coletivo se chama Muralha Rosa. A gente começou através da nossa luta pela volta do polo naval, aí a gente viu queestávamos lutando pra conseguir emprego e a gente não conseguia por ser mulher.”

Entrevistada B

4. CONCLUSÕES

Como anteriormente citado, este trabalho encontra-se em fase inicial, não possuindo portanto conclusões finais. Não se pretende aqui em nenhuma medida encerrar a discussão sobre os indicadores de capital social no ambiente estudado. No entanto, a metodologia empregada parece possibilitar que se constate e traga à luz do debate as motivações que orientam as ações individuais e coletivas dos entrevistados na formação de redes de comunicação, visando o enquadramento destas ações como formadoras de capital social, elemento que por sua vez se apresenta como fundamental à noção de desenvolvimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAQUERO, M. Construindo uma outra sociedade: o capital social na estruturação de uma cultura política participativa no Brasil. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, n.21, p.83-108, Nov. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782003000200007&lng=en&nrm=iso>.

Burt, R.S. **“StructuralHoles: The Social StructureofCompetition”** Cambridge, MA, Harvard Univ. Press. 1992.

_____. **The Network Structureof Social Capital**. Elsevier Science Inc. v. 22, 2000, p.345-423.

COLEMAN, James S. “**Social Capital in the Creation of Human Capital**”. American Journal of Sociology, volume 94 Supplement, 1988, pp.95-120.

_____. **Foundations of Social Theory**. Cambridge, Harvard University Press, 1990, pp.300-320.

MARX, Karl. **O capital**. livro 3, vol. IV. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 33, p. 133-158, set. 2000.

ROBERTT, Pedro. El trabajo en el Polo Naval de Rio Grande en el sur de Brasil: desarrollo local y players globales. **Boletín Oñteaiken**, Universidad Nacional de Córdoba, n.22, p. 48 - 52, 2016.